

perspectiva social geradas por uma educação liberal. Como Leonard D. White assinalou, é a diferença existente entre as duas palavras francesas : *préparation* e *formation*.

APRENDIZAGEM NO SERVIÇO PÚBLICO

Entretanto, os ótimos resultados que se poderiam esperar desses dois tipos de treinamento são anulados, em parte, pela ausência completa de medidas governamentais referentes ao estabelecimento de uma aprendizagem que complete a transição de jovens, da escola para o serviço público ; aprendizagem essa de importância especial no treinamento dos futuros administradores. Os aprendizes administrativos podem ingressar no serviço como :

- 1) praticantes (ou estagiários) administrativos — lugares que o governo reluta em criar ;
- 2) assistentes de administradores ;
- 3) praticantes em repartições de *staff*.

O último método parece o mais prático para um futuro imediato e reforça a necessidade de dotar os administradores potenciais de conhecimentos que os habilitem para a execução de trabalhos de rotina em — por exemplo — repartições de orçamento ou de pessoal. Ao aprender o trabalho característico dessas, adquirem tirocínio em matéria administrativa e a atitude administrativa. Pela participação no trabalho de *staff* — de planejamento, coordenação e controle — podem preparar-se para a

administração geral, que também envolve estes três elementos.

Só quando o governo deliberadamente cria tais lugares, para os quais poderão ser escolhidos jovens possuidores de uma cultura geral de grau superior, é que as Universidades se sentirão à vontade para levar ao extremo seus programas de treinamento.

E' oportuno citar a medida avançada que a municipalidade de Los Angeles adotou : recruta anualmente dois aprendizes de cada um a das quatro universidades da Califórnia, para seu *Bureau of Budget and Research*, que se aproxima muito de uma pura *staff agency*. Esses aprendizes passam por vários departamentos até que se complete seu treinamento. A aprendizagem é autorizada no orçamento usual e dá direito a uma pensão.

Algumas repartições adotam um sistema semelhante mas nenhuma tão ampla e regularmente como a municipalidade de Los Angeles.

A pedra de toque da democracia no moderno complexo social, é criar uma burocracia suscetível de controle popular. Uma burocracia eficiente deve valer-se de todos os recursos do sistema educacional do país, quer aproveitando em seus serviços jovens da maior capacidade, quer aperfeiçoando continuamente os funcionários já admitidos. Para esta campanha devem associar-se as instituições de ensino e os governos. Nenhum dos dois, isoladamente, pode realizar a tarefa ; mas trabalhando juntos poderão demonstrar o acerto da educação popular como um valor social de primeira ordem. E provar que a democracia funciona bem.

Origens da Educação de Adultos através da Biblioteca ⁽¹⁾

(Do livro *A Biblioteca Pública — universidade do povo* — de

ALVIN JOHNSON

O que é novo, relativamente à educação de adultos, é principalmente o nome.

Isto é particularmente verdadeiro quando se trata de educação de adultos por meio de bibliotecas. Quando lançamos uma vista de olhos à história das primitivas bibliotecas norte-americanas, encontramos a idéia de educação de adultos ainda mais dominante do que o é hoje. Virtualmente,

todas as bibliotecas, funcionando em combinação com liceus, associações de moços, e grupos cívicos, ou franqueadas aos leitores por filantropos particulares, eram julgadas estritamente educativas. Não se destinavam ao uso dos jovens, nem eram consideradas auxiliares das instituições educativas regulares, mas sim meios pelos quais homens e mulheres maduros podiam adquirir instrução e cultura.

Relativamente a frequentadores, as primitivas bibliotecas eram, geralmente, limitadas ao que pode

(1) Do livro "A Biblioteca Pública" — universidade do povo, de Alvim Johnson.

ser denominado as minorias dirigentes das cidades. Costumavam ser organizações fechadas, cujos membros eram recrutados da classe média que então surgia — advogados e médicos, detentores dos cargos políticos, comerciantes, industriais, banqueiros, proprietários, capitalistas independentes. Artífices e trabalhadores, que ansiavam por leitura, podiam, na verdade, ser encontrados entre sócios das bibliotecas, mas constituíam exceções.

Naquele período, — ou seja mais ou menos no segundo e terceiro quartéis do século XIX, e compreendendo, ainda, quanto a muitos pormenores, o último quartel do século — o movimento de educação de adultos, incluindo não somente as bibliotecas, mas também os liceus e os clubes de leitura, tinha uma tarefa extremamente importante para fazer. As instituições de ensino formal, colégios, faculdades e academias, eram poucas e pequenas. Além disso, limitavam-se aos tradicionais clássicos programas. Eram indiferentes aos movimentos intelectual e cultural que perturbavam o pensamento europeu. O aluno típico, que concluísse curso numa faculdade ou academia entre 1850 e 1860, dificilmente teria ouvido falar de Bentham, Malthus ou Mill. Mesmo que tivesse ouvido alguma coisa a respeito de Darwin, não seria o bastante para alterar seu ponto de vista ortodoxo sobre a origem do homem. Roberto Owen poderia ter sido apenas um nome para ele e Karl Marx, nem mesmo isso. Sabereria, talvez, que existira um Hegel, autor de estranhas e confusas doutrinas, cuja popularidade declinava mesmo na Alemanha. Na última parte desse período, o pensamento religioso europeu se encontrava profundamente perturbado pelo "alto criticismo", mas nada disso se refletia no pensamento dos "coleges" norte-americanos. Nas aulas, nunca o estudante ouvira falar de Dickens e Thackeray, Victor Hugo e Balzac. Como estudante, ele estava longe mesmo de Bancroft, e do começo da História Norte-Americana, da corrente de idéias políticas, que se avolumava então, simbolizada pelos nomes de Webster, Clay, Calhoun, Douglas, Lincoln. Se ele soubesse alguma coisa a respeito disso, era através de seus contactos com o pensamento leigo.

A grande maioria da classe média era desprovida das vantagens de uma educação básica. Mas possuidores ou não dessa educação, achavam nos livros um mundo novo e rico. Hoje seria impossível calcular o número de pessoas atingidas por esse primitivo movimento educacional. Não há dúvida de que era um movimento inexpressivo, rela-

tivamente à população geral. Era, entretanto, bastante grande e importante para, eventualmente, acordar as escolas de seu sono medieval e oferecer o apoio necessário para as primeiras tentativas no sentido de um desenvolvimento universitário. E, o que é mais importante para o nosso fim, esse movimento preparou o caminho para a biblioteca pública, tal como a conhecemos hoje. Na última parte do século XIX, a democracia emergente exigia acesso franco aos livros para toda a população. Cada vez mais, as bibliotecas de grupos associados se transformavam em bibliotecas públicas, mantidas, pelo menos em parte, por fundos públicos. Foi dado grande impulso a esse movimento pelas doações de edifícios para bibliotecas, através de todo o país, feitas por Andrew Carnegie, cuja concepção de biblioteca era quase inteiramente a de uma instituição educacional, que proporcionava a homens e mulheres a faculdade de aperfeiçoar a sua educação formal ou compensar as suas deficiências.

Por volta da passagem do século, as bibliotecas públicas, então em plena expansão, eram chefiadas, na maior parte, por homens e mulheres que haviam tido acesso ao trabalho bibliotecário, acidentalmente; que, possuidores, ou não, de um curso básico, eram particularmente simpáticos às correntes liberais de pensamento emanante da inteligência leiga. Consideravam-se educadores, que trabalhavam em um campo especialmente fecundo. Tentavam alcançar o maior público possível, mas educacionalmente. Alguns deles ainda dirigem bibliotecas; outros educaram os sucessores segundo seus próprios pontos de vista. Visitando algumas de nossas bibliotecas públicas, percebe-se uma sutil influência de uma idade ouro na arte de administrar bibliotecas, penetrando através da rotina tirânica dos processos comuns de biblioteca.

Era inevitável que, com a expansão e democratização da biblioteca pública, outras funções, além da educativa de adultos, absorvessem cada vez mais os fundos da biblioteca e a energia do pessoal. Coleções mais vastas e mais gerais de livros tornaram-se um requisito imperativo. O princípio de que a biblioteca existe para satisfazer a necessidade de leitura de todo cidadão, parece que fez cair a responsabilidade para determinar as tendências sobre o público, e não sobre a biblioteca. O número de assuntos coberto pela coleção de livros, que é uma concepção extensiva, ao invés de educação, que é uma intensiva, tornou-se um critério aceito na atividade bibliotecária bem sucedida. Os bibliotecários comparavam ansiosamente as estatís-

ticas de empréstimo das outras bibliotecas, e se agravam ou se abatiam, caso as suas estatísticas fossem superiores ou inferiores. Se o público desejava ficção de segunda ou de terceira qualidade, isto tinha que lhe ser oferecido, e, rapidamente, enquanto todos falavam a respeito de um livro e desejavam lê-lo. Achar-se-ão nas estantes das bibliotecas vários exemplares de livros que um ano antes todos desejavam ler, mas que hoje ninguém mais procura. A praxe de uma certa biblioteca inglesa, que compra todas as novas obras de ficção, mas não empresta o livro durante um ano, reduziria sensivelmente a estatística de empréstimos de nossas bibliotecas e diminuiria o serviço de empréstimos com, talvez, muito pequena perda do prestígio da biblioteca, ou de sua eficiência educacional. As mais recentes novelas seriam deixadas às bibliotecas circulantes particulares que, presentemente, começam a reclamar contra a competição esmagadora de uma instituição pública, feita a um legítimo comércio particular.

Parece que as imponentes estatísticas de empréstimos não impressionam muito eficazmente as comissões de orçamento municipais, a julgar pelos cortes enormes infligidos às bibliotecas durante a grande crise. Talvez a razão seja que a maior parte dos cidadãos de responsabilidade, cuja influência pesa mais do que a da massa dos leitores, considera a atividade das bibliotecas mais como um suprimento de distração leve, gratuito, às massas, as quais, aliás, pagam suas diversões. Na verdade, isto é uma acusação injusta. A leitura de boas obras de ficção é altamente educativa, e até a de más pode ser mais educativa do que uma fita medíocre ou uma partida de bridge. Não se pode, entretanto, perscrutar a opinião dos cidadãos de peso sem se ficar convencido de que é muito espalhada a concepção de biblioteca como um serviço que facilita gratuitamente a leitura de livros de ficção.

Para vencer esta crítica, os relatórios das bibliotecas insistem cada vez mais no desenvolvimento da leitura que não é de ficção. Encontram-se por toda parte quadros estatísticos bem feitos, exibindo o aumento relativo de empréstimos de obras de psicologia, economia e política, artes e biografias. O bibliotecário culto ou educador pode, na verdade, duvidar que haja alguma vantagem educacional em colocar nas mãos do leitor o último livro de Lion Feuchtwanger, sobre a Rússia, em lugar de um romance de Willa Carter ou Sinclair Lewis. Mas, aos olhos dos críticos capciosos da administração de bibliotecas, as trivialidades de

Feuchtwanger pertencem aos livros sérios, ao passo que os romances de Willa Carter e Sinclair Lewis são considerados simples divertimentos. Dá-se o mesmo com "O Último Puritano" . . .

Com o muito que se tem discutido sobre educação de adultos nas últimas décadas, cada vez mais se convencem os bibliotecários de que os estranhos se estão intrometendo em um campo que lhes pertencia em grande parte desde o começo, e que ainda lhes pertence em grande parte, embora os leigos gostem de insistir na concepção de "a good librarianship" como auxiliar em tudo, mas nunca em um lugar de responsabilidade primária. Um bibliotecário de faculdade, universidade ou escola secundária pode, sem perigo, aderir a essa concepção de si mesmo como auxiliar. Há outros responsáveis pela educação. Os professores sabem, ou julgam saber, o que os estudantes devem ler. Ao bibliotecário compete adquirir os livros e torná-los acessíveis. Mas o bibliotecário público não tem nenhuma autoridade a quem dirigir-se. Se ele tenta guiar-se pelos pedidos do público, seu único índice é o movimento de empréstimos e, se este é de livros medíocres ou maus, a biblioteca perde prestígio e suas dotações diminuem.

A biblioteca pública, como acabei de indicar, erqueu-se sobre uma base de educação para adultos. Sua grande expansão veio com a extensão às massas do impulso dado à educação de adultos. Seu prestígio no presente e sua esperança para o futuro se baseiam na especificação e na eficiência de suas atividades educacionais de adultos. Isto é, em grande parte, admitido pelos bibliotecários e estamos atualmente no curso de um movimento para um novo desenvolvimento de bibliotecas para educação de adultos.

Não devemos, entretanto, lamentar que, durante certo tempo, os bibliotecários tenham sido iludidos pela miragem de uma boa arte de administrar bibliotecas, que se tenham considerado como guardas de coleções de livros, cuja qualidade era determinada pelos gostos e pedidos do público. Esta atitude tornou-os universais. Se houvessem sido por demais conscientes de sua missão educativa, poderiam muito bem ter introduzido princípios de ortodoxia tradicional em sua seleção de livros. Muitos bibliotecários gostariam de excluir de suas estantes as obras de Lenine, Trotsky, Marx, Tugwell, John Dewell, John Dewey. Muitos gostariam de excluir e muitos o fazem realmente — as obras de Ernest Hemingway e James Farrell. Mas a maioria dos bibliotecários sente que deve ter em